

A esperança como categoria filosófica

Ralph Roman Konrad Gniss/VFG

gniss@uol.com.br

Resumo

Neste artigo pretendo descrever o lugar da esperança como categoria filosófica na obra de Ernst Bloch assim como sua fundamentação.

Palavras-chave: propriedade, igualdade, liberdade, classes sociais.

Abstract

In this article I pretend to describe the place of hope as a philosophical category in the work of Ernst Bloch as well as his grounding.

Key-words: property, equality, freedom, social classes. .

Não é muito comum um filósofo tematizar a esperança — frequentemente remete-se essa temática à psicologia ou à teologia, devido às funções inerentes dessas vertentes do pensamento humano. Diante disso, não é de admirar que uma grande parte dos comentários sobre a obra de Bloch tenha um cunho psicológico ou levante questionamentos de origem teológica — ver Münster 1994, p. 145 a 261. Igualmente não podemos ignorar que o próprio Kant atribui a resposta da pergunta “O que posso esperar?” à religião.

Além desta inusitada temática, o que chama a atenção na obra de Bloch é seu estilo literário, que pouco se preocupa com uma abordagem sistemática de um tema filosófico, mas que usa um linguajar altamente expressionista para se aproximar de um problema fundamental e atual do ser humano enquanto tal (cf. Albornoz 1999, p. 35 a 49).

Schmied-Kowarzik refere-se a Bloch como um dos primeiros existencialistas, lembrando que aquele pacifista

convencido escreveu sua obra-prima *O espírito da utopia* durante os anos de guerra 1915 a 1917 (Schmied-Kowarzik 1995, p. 219) enquanto sua obra principal, *O princípio esperança*, foi escrita principalmente durante os anos da 2ª Guerra Mundial, atitude esta que pode ser comparada com o tipo de reflexão de Sartre durante a ocupação da França pelos nazistas, o governo de Vichy e suas publicações após 1946. O que aproxima Bloch do pensamento existencialista, é seu interesse por questões que atingem o ser humano de imediato, das quais ninguém escapa, questões que podem e devem ser elucidadas mas que não podem ser respondidas. (Vejam-se o interesse e a intenção do filosofar de Jaspers em JASPERS, 1993, pp. 115 a 125.)

Em sua obra-prima, Bloch escreve no “propósito” (que substitui a costumeira introdução):

Como agora?

Basta. Agora temos que começar. Em nossas mãos é dada a vida. Por si mesma virou vazia há tempo. Ela cambaleia de um lado ao outro, mas nós estamos firmes, e assim queremos-nos tornar seu punho e seus objetivos.

O que era, provavelmente será logo esquecido. Somente uma lembrança vã, horrenda, permanecerá no ar. Quem foi defendido? Os preguiçosos, os míseros, os usurários foram defendidos. O que era jovem tinha de tombar, mas os miseráveis são salvos, sentados na sala aquecida. ... E apenas isso importa (...) Temos anelo e breve conhecimento, mas pouca ação e o que explica sua falta, nenhuma amplitude, nenhuma visão, nem fins, nenhum obstáculo interno, superado no vislumbre, nenhum conceito utopicamente principal. Para encontrar este, o direito, que torna conveniente viver, organizar-se, ter tempo, por isso andamos, abrimos caminhos fantasticamente constitutivos, chamamos o que não é, construímos à-toa, construímos a nós à-toa e buscamos aí o verdadeiro, o real, onde o meramente efetivo desaparece — *incipit vita nova*.” (GdU, 1ª versão, p. 9)

Aqui, Bloch articula claramente o que movimenta sua inquietação: buscar o real além do meramente efetivo, chamando o que não é e tentando formular um conceito utopicamente

principal. Basta ressaltar que ele não pretende encontrar um conceito principalmente utópico, mas sim, de um conceito utopicamente principal (*utopisch prinzipiell*). É isso que Bloch se propõe: um filosofar nas margens do conceitualmente expressível, menos a argumentação tradicionalmente filosófica — embora ele a domine —, mas uma aproximação à um auto-encontro e sua articulação. Para isso, o linguajar densificado da poesia, do ensaio, do aforisma servem para Bloch mais que a tradicional argumentação filosófico-sistemática.

Este “chamamos o que não é” representa o ponto principal na obra mais ampla e importante de Bloch, em “O Princípio Esperança”, o que é uma ontologia do-ainda-não-ser. Ao contrário de outros pensadores que, do caso da carência de algo, optariam por sua não-existência, Bloch descobre exatamente na carência a categoria filosófica da possibilidade do vir-a-ser. Antes de nos aprofundar nesta inédita categoria filosófica, cabe abordar os conceitos fundamentais do pensamento blochiano, como eles se apresentam em sua obra.

Tópicos básicos

“Eu sou. Mas eu não me tenho. Por isso, nós ainda nos tornamos.” (TEP, p. 13) Essas três frases frequentemente citadas, que iniciam a Introdução de Tübingen à Filosofia, mostram o ponto de partida do filosofar blochiano, bem como seu estilo de ensaio, além de marcar um impasse permanente do pensar enquanto tal e uma tentativa de sua superação.

“Eu sou.” Não existe, segundo Bloch, outro ponto de partida para o nosso filosofar que a busca de sentido para nós mesmos, nossa vida, no encontro imediato conosco mesmos: “Estou junto de mim”. (GdU, p. 209) No admirar-se, nós nos encontramos nessa certeza de nós e de nossa existência. Todo o filosofar inicia-se nessa certeza, mas “eu não me tenho.” Ainda mais: Em cada “estou junto de mim” não consigo me compreen-

der completamente. Permaneço uma pergunta a ser construída: "Quem somos nós? De onde viemos? Para aonde vamos? O que nós esperamos? O que nos espera?" (PH, p. 1) Bloch transcreveu a inconstitucionalidade da pergunta absoluta, que nós mesmo somos para nós, na fórmula famosa da "escuridão do atual momento vivido". Nós vivemos, eu sou, mas essa imediatidade da vida, do 'Sou' que nos dá suporte, do qual tudo brota, não pode ser alcançado, nem experienciando nem compreendendo.

Em cada experiência aflitante desse não-ter, um duplo movimento de auto-busca torna-se possível: Sempre quando nós nos experienciamos, já não somos mais o atual momento vivido, mas asseguramos uma experiência de nós na memória ou, mais deduzido, um conceito de nós: ainda não somos e não se pode compreender aquele 'Sou', no escuro momento atual vivido, que nos pulsa para frente. Nunca somos a experienciável ou compreensível unidade entre sujeito e objeto. Mas somos a partir da unidade do 'Sou' vivido, do qual podemos afirmar o fato que nós o somos, mas cujo 'que' no sentido de conteúdo nunca podemos construir de maneira conclusiva. Nós estamos escondidos de nós na escuridão do momento vivido do nosso 'Sou'.

Toda a filosofia com a intenção de compreender isso é a tentativa necessariamente frustrada de capturar a escuridão do momento vivido por meio da reflexão, de prender o 'Sou' que somos e só podemos ser em vida pulsante, num mero conceito. Todas essas tentativas de nos construir por meio de conceitos têm que fracassar pois escapa deles exatamente o que eles querem captar: o 'Sou' que somos na vida pulsante da nossas existências (cf. Schmied-Kowarzik 221s).

Bloch quer mostrar que a filosofia racional com a intenção de compreender o ser, aquele retro-movimento reflexivo, é caracterizado por uma frustração fundamental, se ela não avança até o reconhecimento da inconstitucionalidade dessa questão tal qual o fizeram os grandes filósofos como Platão ou Schelling.

Quanto a essa inconstrutível questão absoluta, Bloch refere-se várias vezes a Schelling:

Longe de que o ser humano e seus atos possam tornar o mundo compreensível, ele mesmo é o mais incompreensível... Exatamente ele, o ser humano, me impele à última questão, cheia de desespero: por que é algo? Por que não é nada? (F.W.J. Schelling, *Sämtliche Werke*, Stuttgart/Augsburg 1856, Bd. XIII, 7, cit. em: Schmied-Kowarzik p. 220)

Trata-se exatamente desta primeira e última de todas as questões, ela irrompe junto de nós, mas ela alcança em sua autobusca o horizonte de sentido do cosmos inteiro e não pode ser respondida conclusivamente.

Toda a lógica do pensamento de Bloch, todo o ruminar filosófico é a tentativa de se aproximar dessa questão e de mostrar a impossibilidade dela, de ir em volta dela e, como ela já não pode ser respondida, de levantar questões acerca dela e de avançar em direção a novas questões. Conseqüentemente, o seu pensar permanece mais enquanto asserção e afirmação, que se preocupa com a fundamentação de um problema ou com a argumentação.

Mas Bloch não quer parar no movimento da autobusca reflexivo, voltado ao passado na qualidade do não-mais-consciente. O interesse principal — e esta é a descoberta originalíssima de Bloch — é o ainda-não-consciente e o ainda-não-ser.

“Por isso, ainda nós nos tornamos.” Isso representa a volta utópica e esperançosa que se alonga ao ainda-não do futuro, bem como a superação do impasse mencionado no início. Bloch, de origem judia e profundamente influenciado pelo messianismo judaico-cristão, mas ateu declarado e assumido, reverte toda aquela esperança do messianismo numa esperança mundana com razões históricas para ela. Tudo o que tem sido feito no passado para se construir o futuro são, de fato, razões para se lançar mais uma vez ao futuro.

O pensamento proflexivo

Na distinção fundamental entre sonhos diurnos e noturnos – aqui encontramos uma crítica violenta a Freud –, Bloch descobre no ainda-não-consciente (ou pré-consciente) as bases ontológicas para a categoria da “possibilidade”. Observemos bem, que – ao contrário da colocação de Adorno, que considerou o seu amigo Bloch um grande autor de altíssima expressividade lingüística, mas não um filósofo – que essas re- ou, melhor, ‘pro’-flexões são claramente filosóficas e não apenas literárias. Nas necessidades do ser humano, naquilo que lhe falta, nas imaginações da satisfação de desejos, de vontades, planejamentos, ou seja, em tudo que outras vertentes filosóficas desconsideravam ou consideravam como deficiência ontológica, Bloch descobre a ontologia do ainda-não-ser, do devir, isso não como um desenrolar automático, mas como possibilidade e desafio.

Em vez de falar do pensamento reflexivo, podemos exatamente caracterizar o intento principal de Bloch como proflexivo, pois alongando-nos a um futuro desconhecido, temos oportunidades novas e diferentes para a nossa auto-busca. O movimento proflexivo abre-se aos múltiplos horizontes do ainda possível, ele respira o ar fresco do novo, alonga-se ao utópico.

O futuro é inconstrutível, mas fundamentalmente aberto. O que é que Bloch quer: nos animar para esclarecermos a nós mesmos aquele esperar a partir dos horizontes do possível, do futuro como tarefa nossa, com o qual já estamos a caminho. Onde nós omitimos de levar o nosso esperar, os horizontes do nosso futuro a um esclarecimento pensativo, nós estamos lançados para trás ao ‘sempre foi assim’, permanecemos no *status quo*, na mesmice que nos acorrenta e que acorrenta o futuro ao eterno invariável. (Schmied-Kowarzik p. 224)

Antingimos a busca do sentido para nós mesmos se assumimos os horizontes do possível, o futuro a ser cultivado por nós. Evidentemente, isso só pode assumir cada um para si

mesmo, ninguém pode prescrever a um outro os horizontes de sua vida e suas atividades. Também nisso, a pergunta absoluta que somos para nós mesmos, continua inconstrutível. Mas é necessário que a filosofia se encarregue desses horizontes do sentido da vida e das aspiração humanas.

Outro aspecto importa ainda: Na fundamentação tríplice do seu pensar, Bloch passa do singular 'eu' ao plural 'nós'. Revela-se nisso o aspecto importante da proflexão humana: onde o ser humano antecipa o seu futuro, e isso não apenas numa práxis, ou até numa práxis ética, mas onde o ainda-não torna-se um problema, o horizonte do nós vem se impondo. Enquanto a reflexão nos lança para trás ao eu próprio, a proflexão abre-se ao nós como horizonte do atuar.

Não sabemos o que somos, mas estamos inquietos e vazios e como que escondidos de nós. Deste modo somos dados só nós mesmos, o múltiplo, mas nem o mundo nem Deus desde o início. Mas só diante do vindouro será cognoscível o que procuramos ou 'fomos', antes de entrar nos movimentos temporais..., pois o início só terá ocorrido definitivamente junto com o fim, e não é duvidoso afirmar que ele seja enigmático. (GdU, p. 285)

Ao contrário de outros pensadores, Bloch vê o ser humano voltado para o seu futuro, devido a um impulso originário que o impele adiante, em direção à novidade do devir, que o guia para a realização do possível. Bloch chama a manifestação cósmica desse impulso de "fome", e as manifestações na vida humana de "esperança" e "desejo". Devido a isso, a esperança (e sua falta) não é um simples fator psicológico, mas um princípio ontológico, o do "ainda-não-ser". E, novamente ao contrário de outros pensadores, esse ainda-não-ser não constitui um defeito ontológico, uma condição negativa. Na visão de Bloch, o ainda-não-ser constitui o caminho para o seu cumprimento, para a emancipação humana, para horizontes em aberto. Mas, para que esses horizontes se possam ampliar, é preciso que os homens se lancem

ativamente dentro do devir do qual eles fazem parte. Evidentemente, tal auto-lancamento não permite uma resignação ao lamento e ao medo com suas paralizações subsequentes e pertinentes.

Os horizontes do pensar

Passo fundamental na filosofia de Bloch é a redefinição do ser como “modo de possibilidade para frente”. Bloch tenta descobrir as razões para a esperança tanto na história da humanidade quanto em várias vertentes do saber humano, apresentando em “O princípio esperança” uma análise filosófica da “existência humana aberta ao futuro”. Juntamente com isso, Bloch apresenta uma nova definição da utopia, isso em duas linhas de representação: na escatologia das utopias religiosas voltadas à expectativa apocalíptica no final dos tempos e na realização progressiva da utopia marxiana da sociedade sem classes, que aposta na transformação da vida capitalista alienada numa real autodeterminação humana, em autorealização e em emancipação social e individual. Isso significa que os germes de uma ontologia filosófica do “ainda-não-ser” desabrocharam na forma de uma construção sistemática que questiona criticamente toda a história cultural do ocidente e que reconstrói a história secreta da força das manifestações utópicas na história.

Em sua obra principal *Das Prinzip Hoffnung*, Bloch começa com umas notas preliminares sobre “pequenos sonhos diurnos”, aborda uma fundamentação ampla da teoria da consciência antecipadora, acrescenta um longo capítulo sobre “sonhos no espelho” para continuar com os “planos para um mundo melhor”, nos quais focaliza o famoso “esboço de utopias sociais”, e finaliza com uma serie de reflexões ou, melhor, proflexões sobre “imagens do instante plenamente realizado”, mostrando o momento de identidade reencontrada pela via da moral, da música, das imagens da morte, da religião, do Oriente, da

natureza e do bem supremo”.

Evidentemente, a mortalidade humana põe tudo isso em xeque. Diante da morte relativiza-se tudo, até a utopia socialista. A morte e a mortalidade constituem a anti-utopia por excelência, considerando, principalmente, não apenas a morte individual, mas a possibilidade e realidade histórica da destruição de culturas inteiras, os genocídios, os gulag e os campos de extermínio, até a possibilidade da destruição da raça humana e da terra numa guerra nuclear. Diante desta questão, Bloch tem a coragem de ruminar sobre uma persistência da alma, sobre a idéia da reencarnação com a qual ele simpatiza, contudo, sem optar por uma crença religiosa, isso apesar de todos os tabus do racionalismo iluminista e a resistência marxista contra religião e metafísica. Trata-se sempre do nosso auto-encontro no horizonte da nossa vida em relação à história do mundo e do cosmos.

Neste horizonte, a morte constitui um desafio ainda maior. Bloch vê uma continuidade do intelectual-espiritual para além da vida humana, uma continuação dos resultados do nosso atuar e profletir que não se restringe à memória das futuras gerações. E essa questão não é nada espiritualista, ela é uma questão bem materialista. Exatamente se não compreendemos o espírito como algo externo, infuso, mas como um desabrochar do processo do mundo, então a questão de uma permanência desse espírito continua com mais rigor ainda. O extermínio de todo o humano seria a negação definitiva e irrevogável de qualquer sentido no processo cósmico e a impossibilidade definitiva das utopias por levá-las a um absurdo total. Também os sentidos colocados e projetados nela como justiça, eticidade e *humanitas* perderiam sentido e dignidade.

Em última análise, se o mundo acabará num absoluto acaso de falta de sentido ou numa absoluta afirmação de sentido, isso não pode ser previsto. Também essa questão absoluta permanece inconstrutível, não podemos definir previamente o fim do mundo. Mas a orientação do nosso profletir e do nosso esperar

precisa sempre estar aberta a uma possível realização desse sentido, sendo que, a partir dela, todos os horizontes de sentido da humanidade receberiam a sua legitimação. Ou seja, nem a indefinição do além-morte, nem a definição de não aceitar uma fonte religiosa de consolo perante a mortalidade permitem a entrega ao fatalismo. Como há razões para o esperar que desde sempre se direcionavam a um devir e tornar-se nunca conclusivo do qual nós mesmos fazemos parte, nós nos realizamos mediante a mesma proflexão. Revertendo a expressão do místico alemão Mestre Eckhard numa religiosidade ateísta, ele aplica a atribuição, dada a Cristo, a cada ser humano: Nós somos andarilhos e bússola ao mesmo tempo. Nós teremos o sentido e a orientação que nós mesmos profletimos.

Vivemos e não sabemos para quê. Morremos e não sabemos para onde... Mesmo assim, o que permanece aqui para nós, que padecemos e somos obscuros, é esperar para longe. Si ela fica forte o suficiente, pura, apercebendo-se de si mesma sem distração, ela não deixa fracassar — a esperança não nos deixa fracassar. Porque a alma humana abrange tudo, até o além que ainda não é. Só ela é que queremos e o pensar serve a ela, ela é seu único espaço, seu conteúdo lingüístico e seu objetivo, espalhado em todas partes do mundo, escondido na escuridão do momento vivido, prometido na forma da questão absoluta. ... Que nós nos tornamos bem-aventurados, que o reino do céu seja possível, que o conteúdo sonhado em evidência torne a ser, que ele encontre uma realidade a ser definida em correspondência a ele, isso não é apenas pensável, i.é formalmente possível, mas absolutamente necessário, longe de todos os comprovantes, provas, permissões e premissas do seu ser, é postulado a partir da natureza da causa *a priori* e por isso, pela inclinação utópica, intensa, de realidade essencial e dada. (GdU 343s)

Nisso, Bloch constata a necessidade ontológica da proflexão enquanto tal, tornando o assumir do futuro aberto não apenas uma necessidade psicológica, como seria na obra de Erich Fromm, mas essa proflexão fica diretamente ligada ao ser enquanto tal.

Dessa maneira, a ontologia do ainda-não-ser vem a ser algo inevitável ao pensar e realizar humanos.

Consciência antecipadora e sonhos diurnos

Como essa proflexão é feita, e quais as condições necessárias para ele? Como essa esperança blochiana se manifesta ou pode ser alcançada — causas para o desespero temos sempre e as lamúrias não param de nos enfraquecer. Quais são as raízes antropológicas da esperança?

A carência, a percepção que algo lhe falta dá ao homem a consciência dessa mesma falta e a consciência do que lhe falta. O homem tem fome e tem a consciência que tem fome. A necessidade imediata e constrangedora da fome projeta-o para fora da sua indiferença, provocando o acordar da sua consciência. A necessidade imediata e constrangedora é a mola do despertar da consciência do homem. Essa consciência da carência do homem não se esgota em si mesma. Ela impulsiona para o movimento de busca de satisfação da carência, e nesse movimento já é feita a exploração do possível. Não existe só uma fome física. Há também as fomes afetiva, sentimental, erótica, intelectual, os desejos, que já prefiguram o homem como ser inacabado, sua tendência para o outro, para ser outro e para ser mais, sempre como sujeito em expectativa.

É nessa fome que se enraiza a esperança. Fatos elementares demonstram o ser do homem como aspiração, tais como os sonhos acordados, diurnos.

O sonho acordado manifesta uma verdadeira fome psíquica pela qual o homem imagina planos futuros e outras situações em que supere os problemas, as dificuldades e as obrigações de um onnipresente. Assim, os sonhos acordados nos dão uma primeira forma tosca, vaga talvez ilusória, do que será, numa fase mais elaborada, a utopia. Nos sonhos unem-se pela primeira vez o que será decisivo para a constituição da

consciência antecipadora; a consciência da fome, e o possível imaginário; os desejos e as imagens. (Bloch, PH, p.55 ss)

Esses sonhos acordados são provocados pela nossa vontade, e eles estão ao alcance da nossa razão. É de certo modo “uma técnica que o homem possui para se distinguir do presente imediato e esboçar de maneira imaginária uma outra situação” (ibid.). Pelo sonho acordado transcendemos a nossa vida cotidiana, nosso presente, em direção ao futuro. O sonho acordado é justamente essa maneira de transcender o presente para o futuro, neste sentido, distingue-se radicalmente da lembrança e do sonho noturno. Como em nossos sonhos diurnos a reflexão é imediatamente possível, aparece a primeira elaboração de uma perspectiva, que é a utopia concreta.

É evidente que a esperança tem seus limites nos condicionamentos concretos como os socioeconômicos, pois a “capacidade de sonhar, aspirar e esperar, ainda que sendo antropologicamente própria de qualquer homem, pode ser totalmente aniquilada ou destruída quando as condições econômicas (subalimentação, por exemplo), sociais (alojamento insuficiente, desemprego), culturais (analfabetismo) reduzem o horizonte da realidade que o homem pode abranger.” (ibid)

Bloch detecta no homem um impulso ao imaginário que não pode ser totalmente aniquilado pela repressão, pois ele é antropologicamente condicionado. Essa imaginação é um poder produtivo, pois serve para prospectar e explorar todas as possibilidades que virtualmente existem e que podem e devem ser desenvolvidas e realizadas. O real esconde tendências, que são possibilidades, virtualidades, e cabe à consciência imaginativa e antecipadora descobri-las. Pelo trabalho da imaginação, o ser humano orienta-se para o futuro, mediante as condições virtuais do real.

No mesmo momento, a imaginação se distingue da fantasia, que é para Bloch um mero impulso da consciência

mitológica, não disciplinada, que é um movimento da agitação que não se tornou tendência. A imaginação é a tendência disciplinada de uma consciência antecipadora intencional. Tende a criar obras imaginárias e a construir um imaginário que seja uma alternativa a uma realidade que se julga insatisfatória. Enquanto a fantasia nos aliena num conjunto de imagens exóticas nas quais buscamos uma compensação de uma insatisfação vaga e difusa, a imaginação nos insere no movimento do real e nos impele para a realização do possível contido nesse real (cf. Albornoz 1985, p. 22 a 26).

O ainda não-saber e as funções da utopia

A consciência da imperfeição e da carência não leva Bloch, como outros pensadores, à afirmação da não-existência; pelo contrário, ela é o incentivo radical por excelência para se chegar à conclusão ontológica do ainda-não-ser.

Assim, Bloch toma uma atitude contrária àqueles que costumam concluir do não ao nada; segundo ele, a esperança passa do não ao ainda-não: embora condicionado por vários fatores, o homem pode romper com a força constrangedora dos condicionamentos e, tomando consciência de que algo falta e de si mesmo, reinterpretar a realidade. Ao tomar consciência da realidade como imperfeição e possibilidade, ele reconhece em sua realidade a relatividade do determinismo. Sua realidade surge, então, para a consciência, como algo que existe sob a mera forma do ainda-não. Quando o homem reinterpreta o seu mundo de ser condicionado, ele se percebe como existente sob a forma do ainda-não-é. Por sua consciência antecipadora, sabe-se a si mesmo como ainda-não-sendo o que pode vir-a-ser, e que ao alcançar esse novo modo de ser, o mesmo conterà uma margem de irrealização, e terá dentro de si, novamente, um algo não-ainda atual, não-ainda existente, mas virtual, possível. Portanto, o homem tem neste ainda-não-sendo do seu ser o fundamento para o esperar.

Neste contexto, a utopia assume quatro funções:

-- A primeira é manifestar, que o real não se esgota no imediato, apontar ao que ainda não existe, mostrar que o real está prenhe de possíveis.

-- A segunda é "fornecer um instrumento de trabalho que permite a exploração sistemática de todas as possibilidades concretas existentes no real", permitir à inteligência visualizar o real de maneira a descobrir as perspectivas da sua transformação (PH p. 147, cit. em Albornoz 1985, p. 30). Com isso, a utopia aproxima-se da prospecção e do planejamento, afastando-se do devaneio.

-- A terceira: introduzir a exigência da radicalidade.

-- A quarta: reconhecer que a realização da utopia necessita de uma transformação completa do nosso mundo atual. "Esta transformação obriga a uma crítica global e sistemática da atualidade presente e vigente. Através da utopia concreta e da sua exigência de radicalidade, a esperança, de virtude, transforma-se em otimismo militante." (Albornoz 1985, p.30)

Conclusão

"Esta é a proposta fundamental da filosofia de Bloch. Não é uma afirmação empiricamente verificável, nem logicamente justificável. É uma proposta ética incubada na ontologia. Uma ontologia que se constrói como justificativa de uma proposta ética: a ética da revolução para que o homem venha a ser o que ainda não é. O passar do não ao ainda-não pela esperança não é o próprio dinamismo do ser que o promove, mas o do desejo e da vontade." (Albornoz 1985, p. 29)

Além disso, a filosofia de Bloch pode ser uma resposta ainda não bem precebida ao relativismo da pós-modernidade e sua perda de referências. Bloch consegue evidenciar as razões infra-históricas e antropológicas para a esperança, sem precisar recorrer às promessas religiosas e seus credos exclusivistas. Observamos, nesta passagem do milênio, por um lado, a diminui-

ção de influência da Igreja católica e o crescimento de seitas e crenças pentecostais com seus fundamentalismos. O que fica para trás é a capacidade reflexiva ou, de acordo com Bloch, proflexiva do ser humano, a capacidade de construir o seu futuro com suas próprias mãos, pela responsabilidade exclusiva dele. A filosofia de Bloch permite exatamente resgatar essa esperança em termos antropológicos e históricos, como qualidade intelectual e racional.

Referência bibliográficas

ALBORNOZ, Susanne. *Ética e Utopia*. Porto Alegre : Ed. Movimento/FISC, 1985

_____. *O enigma da Esperança. Ernst Bloch e as margens da história do espírito*. Petrópolis : Vozes, 1998

BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie, erste Fassung*. Frankfurt : Suhrkamp Werkausgabe Bd. 16, 1985 (GdU)

_____. *Geist der Utopie, zweite Fassung*. Frankfurt : Suhrkamp Werkausgabe Bd. 3, 1985 (GdU)

_____. *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt : Suhrkamp Werkausgabe Bd. 5, 1985 (PH)

_____. *Tübinger Einleitung in die Philosophie*. Frankfurt : Suhrkamp Werkausgabe Bd. 13, 1985 (TEP)

JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Lisboa : Guimarães Editores, 1993

MÜNSTER, Arno. *Utopia, Messianismo e Apocalipse nas primeiras Obras de Ernst Bloch*. São Paulo : Ed. UNESP, 1997

_____. *Filosofia da práxis e utopia concreta*, São Paulo : Ed. UNESP, 1993

SCHMIED-KOWARZIK, W. Ernst Bloch. *Suche nach uns selbst ins Utopische*. In: Margot Fleischer (Hg). *Philosophen des 20. Jahrhunderts*. Eine Einführung. Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 3.Aufl. 1992.